

“PENSO MAIS NO BRASIL HOJE DO QUE HÁ DEZ ANOS”

Tanya Barson, curadora de uma das principais galerias de arte contemporânea do mundo — a Tate Modern de Londres — aposta na produção brasileira. Ela vem para a feira SP-Arte e aproveita para visitar ateliês paulistanos POR GISELE KATO FOTO JOSÉ PEDROSO

A Tate Modern, de Londres, está para a arte contemporânea assim como o Teatro Scala de Milão para a ópera. Expor lá, para um artista, significa a consagração - da mesma maneira que o exigente público italiano aclama ou enterra tenores. A Tate começou a acompanhar mais de perto - e a comprar - arte brasileira no fim da década de 1990, exatamente quando Tanya Barson entrou para o time de curadores do museu. Hoje, há mais de vinte nomes nacionais no acervo da prestigiada galeria britânica, como Hélio Oiticica (1937-1980), Lygia Clark (1920-1988), Sérgio Camargo (1930-1990) e Leonilson (1957-1993). Tanya, que por quase dez anos respondeu pelo departamento de arte latino-americana na Tate, tem muito a ver com cada uma dessas aquisições. No fim do mês, a curadora inglesa chega a São Paulo para conferir a sexta edição da feira SP-Arte. Tanya faz de duas a três viagens por ano ao Brasil desde 2002. Desta vez, deve passar uns dez dias aqui. Pouco antes de pegar o avião em Londres, Tanya deu, por telefone, a seguinte entrevista a **BRAVO!**:

O que mudou no cenário da arte latino-americana nos últimos dez anos?

Aquela jovem geração para quem todos nós olhámos no começo dos anos 2000 está estabelecida. Os brasileiros, especialmente, são nomes bem conhecidos no mercado internacional, e eu acho que o sucesso deles facilita agora o caminho dos mais novos. Atualmente, eu penso muito mais no Brasil do que dez anos atrás. Aliás, falar em arte contemporânea hoje exige necessariamente considerar o Brasil.

Por aqui, ouvimos muita gente dizer que este é um momento especialmente favorável para a arte brasileira no exterior. O quanto disso é verdade?

Há um interesse genuíno pelo que se faz aí e a visibi-

lidade da produção brasileira cresceu incrivelmente nos últimos dez anos - e continua crescendo. Eu acho que ainda há muito para ser descoberto pelas instituições internacionais sobre arte brasileira. O número de artistas que tiveram exposições no exterior - Hélio Oiticica, Lygia Clark, Cildo Meireles, Ernesto Neto - é mínimo perto da quantidade de nomes que precisam ser divulgados.

Você falou em Hélio Oiticica, cuja produção tem sido reavaliada no exterior. Qual o tamanho de Hélio na história da arte, na sua opinião?

Qualquer museu do mundo voltado para a arte do século 20 precisa ter Hélio Oiticica em seu acervo. Ele, Lygia Clark, Mira Schendel (1919-1988), e também Lygia Pape (1927-2004), criaram algo único, quebraram paradigmas. Esse tipo de coisa aconteceu em diferentes países, em diferentes momentos da história. De repente, uma geração ou um grupo de artistas causa um impacto e muda os rumos da arte. Esse momento no Brasil, de extremo experimentalismo, foi entre o fim dos anos 50 e o fim dos anos 60.

Como funcionam suas viagens? Você já chega aqui com uma lista de ateliês que planeja visitar?

(Risos) Hum... Não posso dizer muito como serão meus dias aí porque isso provavelmente teria um impacto no mercado. De um modo geral, minhas viagens são dedicadas a checar o que aparece de novo ao longo de um ano, normalmente o intervalo entre uma e outra visita. E um ano pode ser muito tempo para a arte contemporânea. É bem emocionante porque, toda vez que vou ao Brasil, descubro algo diferente. Para isso, tento manter minha mente sempre aberta. Agora, para lhe dar um nome, o que posso falar é que estou sempre interessada em saber o que alguém como Cildo Meireles está fazendo. Ele é o meu artista brasileiro favorito.

Por que Cildo é o seu favorito?

Preciso explicar o porquê? Eu acho que Cildo é um dos mais importantes artistas contemporâneos em atividade em qualquer lugar do mundo, tanto por causa do rigor intelectual de seu trabalho como por sua incrível capacidade de juntar em uma obra coisas poderosas, tocantes. Há um profundo significado político em seus trabalhos. Eu o considero um artista bem intelectual mas, ao mesmo tempo, essa não é uma característica que salta aos olhos em sua produção. É a forma que ele usa para organizar suas matérias-primas.

Você não pode entregar os artistas que estão na sua mira desta vez. Mas pode então citar alguns que lhe encantaram em viagens passadas?

Ah... ok (*risos*). Me impressionei bastante com Andre Komatsu, Cinthia Marcelle e Renata Lucas.

Vamos falar sobre a feira SP-Arte. Seria importante o evento se tornar mais internacional?

Para mim, a SP-Arte é bacana justamente porque é focada no contexto brasileiro, o que a transforma em algo único se comparado a outras feiras ao redor do mundo, como a Frieze, em Londres, e a Art Basel, em Miami. Nessas, vê-se praticamente as mesmas coisas, dos mesmos artistas. Na SP-Arte não. E há mesmo assim uma variedade muito grande de galerias e artistas porque o Brasil tem uma produção rica demais. Enfim, ao mesmo tempo que um caráter mais internacional daria à feira um público mais amplo, aproximaria a iniciativa do que já existe lá fora.

Para terminar, como você vê o poder que os curadores têm hoje em dia? Em algumas exposições, eles são mais importantes que os artistas, não?

Eu não diria poder, mas influência. Pessoalmente, não concordo. Um bom curador é como um bom diretor de cinema ou um bom editor de texto. Ele faz diferença, mas não pode brilhar mais do que o artista. Acho que curadores às vezes atrapalham na fruição da arte ao impor sua própria visão sobre um trabalho.

ONDE E QUANDO

SP-Arte 2010. Pavilhão da Bienal (Parque do Ibirapuera, portão 3, São Paulo, SP). De 29/4 a 2/5. 5ª e 6ª, das 14h às 22h; sáb. e dom., das 12h às 20h. R\$ 25. Mais informações: www.sp-arte.com.



Tanya Barson, curadora da Tate Modern, de Londres. Ela vem para São Paulo atrás de novos talentos